

“A aurora do ‘dia do Sol’”. A exposição eucarística e a antífona mariana

A bênção com o Santíssimo Sacramento e a antífona mariana dos sábados nos preparam para a celebração dominical e unem os nossos dois grandes amores, Cristo e Maria, em um momento da semana.

11/06/2024

“No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos”^[1]. É deste modo que São Justino começa a sua descrição da liturgia eucarística dos primeiros cristãos, pouco mais de um século depois da morte de Cristo. Desde a ressurreição do Senhor no “dia do Sol”, os cristãos não deixaram de celebrar juntos a fração do pão no primeiro dia da semana, que cedo rebatizaram como *Dies Domini* ou *Dominicus*: o Dia do Senhor.

Dentro do tesouro de piedade cristã que se vive na Obra, há duas práticas que têm em comum o seu caráter de *preparação* para o Dia do Senhor, porque são características do sábado e constituem como um prólogo da celebração dominical: a exposição eucarística e o cântico ou recitação de uma antífona mariana. Usando uma imagem, podíamos dizer que são o primeiro resplendor – no fundo

do horizonte – do dia que nos traz o Sol que nasce do alto (cf. Lc 1, 78) e que começará a brilhar em algumas horas. São, portanto, como a aurora do dia do Sol.

Além disso, estas práticas unem os nossos dois grandes amores, Cristo e Maria, em um momento da semana. “Procura dar graças a Jesus na Eucaristia, cantando louvores a Nossa Senhora, a Virgem pura, a sem mancha, aquela que trouxe ao mundo o Senhor. E, com audácia de criança, atreve-te a dizer a Jesus: – Meu lindo Amor, bendita seja a Mãe que te trouxe ao mundo! Com certeza que Lhe agradas, e Ele porá na tua alma ainda mais amor”^[2].

Comer com os olhos

A origem histórica da exposição e bênção eucarísticas encontra-se no desenvolvimento da espiritualidade e da teologia sobre a Eucaristia que ocorreu na Idade Média. Os

ensinamentos da Igreja que respondiam e refutavam quem negava a presença real de Cristo na Eucaristia, bem como o milagre de Bolsena (1263) – que deu origem à festa de Corpus Christi –, suscitaram um grande movimento de devoção no povo cristão. O florescimento das procissões eucarísticas, o gesto da genuflexão diante das sagradas espécies, a sua elevação durante a consagração da Missa e a maior importância que o sacrário adquiriu nos templos são algumas das manifestações da progressiva reverência ao Santíssimo Sacramento que o Espírito Santo suscitava na Igreja.

Crescia nos fiéis um desejo ardente de contemplar a Hóstia Santa para se nutrir espiritualmente dela: era a chamada *manducatio per visum* (comer com os olhos). No entanto, surgiu um *problema*: esta visão ficava limitada ao tempo da sua

elevação durante o cânone da Missa. Por isso, algumas dioceses da Alemanha começaram a difundir no século XIV o costume de manter o Santíssimo Sacramento exposto durante períodos de tempo mais longos, em momentos diferentes da celebração eucarística. A exposição era animada por cânticos tirados da Liturgia das Horas e da Missa da festa de *Corpus Christi*, cujos textos foram compostos por São Tomás de Aquino: *Pange lingua, O salutaris Hostia, Tantum ergo, Ecce panis angelorum...*

O culto eucarístico fora da Missa continuou a se difundir nos séculos seguintes, especialmente depois do Concílio de Trento (1545-1563). A reforma da liturgia que ocorreu depois do Concílio Vaticano II quis continuar a fomentar esta prática, sublinhando a sua íntima conexão com a santa Missa: “Os fiéis, ao adorarem o Cristo presente no

Sacramento, lembrem-se de que está presença decorre do Sacrifício e tende à Comunhão sacramental e espiritual”^[3]. A exposição e bênção eucarísticas constituem, em outro momento do dia, a continuidade natural da celebração da Missa: dela nascem e a ela conduzem. A adoração ajuda-nos a ser “almas de Eucaristia”, atentos a Ele de manhã à noite e da noite até à manhã: “Aprendemos então a agradecer ao Senhor mais outra delicadeza: que não tenha querido limitar a sua presença ao instante do Sacrifício do Altar, mas tenha decidido permanecer na Hóstia Santa que se reserva no Tabernáculo, no Sacrário”^[4].

Um coração que começa a cantar

A tradição de venerar especialmente a Santíssima Virgem na véspera de domingo é antiquíssima na Igreja. Talvez o seu antecedente remoto seja

a reunião dos discípulos ao redor de Maria no Sábado Santo; enquanto a escuridão e a incerteza reinavam nos seus corações, ela, modelo de discípula e de crente, constituiu a *continuidade* da presença do Seu Filho no mundo. Um autor medieval, Cesáreo de Heisterbach (+ 1240), explicava-o assim: “Só Maria manteve a fé na ressurreição do Seu Filho, dentro da desesperança geral de Sábado Santo, quando Cristo jazia morto no sepulcro. A devoção mariana do sábado compreende-se a partir do domingo, o dia comemorativo da ressurreição”^[5].

Junto com o Dia do Senhor, desde tempos antigos observou-se também em algumas regiões uma certa veneração, com diversos tons, pelo sábado, como o prelúdio ou o irmão *do domingo*. O costume de celebrar a Missa de Santa Maria aos sábados remonta a Alcuíno de York (+ 804), teólogo e conselheiro de Carlos

Magno, que compôs uma série de Missas para os dias da semana, que eram celebradas quando não se comemoravam memórias de santos. Além disso, não muito depois, difundiu-se amplamente o costume de rezar o Pequeno Ofício de Santa Maria no sábado da Liturgia das Horas.

Durante o século XIII, surgiu em Itália uma devoção vespertina conhecida como a *laude*, que consistia numa celebração com cânticos ao fim do dia ou da semana, entre os quais não podia faltar um dedicado a Santa Maria, sobretudo a *Salve Regina*. Posteriormente, difundiu-se realizar a *laude* na presença de Cristo sacramentado, conservado na píxide ou visível no ostensório. No fim, o povo era abençoado com a Eucaristia e despedido. Deste modo, embora a tradição de venerar a presença permanente de Jesus e a de honrar a

Virgem Maria especialmente ao sábado tenham surgido na Igreja de modo independente, ambas confluíram felizmente no final da Idade Média. Esta foi a origem de uma tradição litúrgica e devocional que se manteve ao longo dos séculos.

São Josemaria gostava de considerar que, quando o coração transborda de amor, estala em cantos. Muitas vezes mostrou-nos como rezar com canções humanas com sentido divino. Efetivamente, dedicou a Santa Maria com frequência as suas serenatas de amor: “Canta diante da Virgem Imaculada, recordando-lhe: Ave, Maria, Filha de Deus Pai; Ave, Maria, Mãe de Deus Filho; Ave, Maria, Esposa de Deus Espírito Santo... Mais do que tu, só Deus!”^[6]. Em toda a sua história, a Igreja não deixou de cantar louvores à Virgem Maria, confirmado o que Ela própria anunciou no *Magnificat*: “Doravante todas as gerações me

chamarão bem-aventurada” (Lc 1, 48).

Desde o começo da Obra

São Josemaria quis que os sábados fossem dias para manifestar especialmente o nosso amor à Senhora, de diversos modos: através de mais alguma mortificação e do canto ou recitação de uma antífona mariana, especialmente a *Salve Regina* e o *Regina Cœli* na Páscoa. Além disso, desde os primeiros passos da Obra, nos centros de São Rafael fazia-se neste dia uma coleta para comprar flores para enfeitar a sua imagem no oratório e para ajudar os pobres da Virgem, obra de caridade que o fundador do Opus Dei viu o seu pai realizar com frequência.

Num ponto de *Forja*, São Josemaria explica alguns dos motivos pelos quais quis que na Obra se vivessem estes pormenores de carinho com a

Virgem Maria: “Há duas razões, entre outras - dizia de si para si aquele amigo -, para que desagrave a minha Mãe Imaculada todos os sábados e nas vésperas das suas festas.

- A segunda é que, em vez de dedicarem à oração os domingos e as festas de Nossa Senhora (que costumam ser festas nos vilarejos), as pessoas os dedicam - basta abrir os olhos e ver - a ofender o Nosso Jesus com pecados públicos e crimes escandalosos.
- A primeira: que os que queremos ser bons filhos não vivemos com a devida atenção, talvez empurrados por satanás, esses dias dedicados ao Senhor e à sua Mãe.
- Já percebes que, infelizmente, essas razões continuam a ser muito atuais, para que também nós desagravemos”^[7].

Nas primeiras décadas do século XX na Espanha era frequente em igrejas e oratórios a prática da *sabatina*, que consistia em recitar algumas orações e cânticos a Nossa Senhora, como o Terço e a *Salve Rainha*, e podia incluir alguma breve pregação. São Josemaria participou nelas com a família em Barbastro e no seminário em Saragoça. Sabemos também notícia de que, como muitos outros sacerdotes da época, oficiava com frequência a bênção eucarística como parte do seu ministério em Madri, também com aqueles primeiros rapazes que frequentavam as atividades da Obra: no Patronato de Enfermos, nas aulas de formação cristã no asilo *Porta Cœli*, nos recolhimentos na igreja dos redentoristas ou na academia-residência DYB aos sábados e em alguns retiros e solenidades. O primeiro círculo de São Rafael que o fundador do Opus Dei deu a três estudantes acabou com a exposição

eucarística: era sábado, 21 de janeiro de 1933. Ao dar a bênção, São Josemaria entreviu projetada no tempo a fecundidade que ao longo dos séculos ia ter esse trabalho apostólico com jovens: “Terminada a aula, fui à capela com aqueles rapazes, tomei o Senhor sacramentado no ostensório, elevei-o, abençoei aqueles três..., e eu via trezentos, trezentos mil, trinta milhões, três bilhões (...). E fiquei aquém, porque é uma realidade passado quase meio século. Fiquei aquém, porque o Senhor foi muito mais generoso”^[8].

Como parte da história do Opus Dei, em dezembro de 1931, São Josemaria resolveu que a Salve rainha fosse cantada aos sábados nos centros. Quanto à bênção eucarística desse dia, parece que se foi consolidando de modo progressivo na vida de família, unindo-se habitualmente ao cântico da antífona mariana.

Além disso, na Obra, a bênção eucarística pode ser entendida também no contexto do prolongamento que São Josemaria desejava que a Santa Missa tivesse ao longo do dia, com várias manifestações de piedade^[9], para santificar a vida diária na e através da graça da Missa e da Comunhão. Portanto, estando submersos nos compromissos do dia a dia – em que o Senhor nos chama –, essa *continuidade* da Missa pode ser estimulada de vários modos, quer participemos ou não de uma bênção eucarística: com uma visita ao Santíssimo, jaculatórias, a comunhão espiritual, etc. Compreende-se que a prática de piedade da bênção eucarística – embora não faça parte dos costumes do espírito do Opus Dei – tenha surgido com naturalidade, por desejo de São Josemaria, nos centros e atividades da Obra em determinados dias, tais como as solenidades ou algumas festas

litúrgicas, em celebrações de família, em momentos em que procuramos renovar a nossa vida espiritual junto do Senhor com calma – como num dia de recolhimento espiritual – e todas as semanas, ao sábado, dia habitualmente um pouco mais tranquilo e que nos prepara para o dia eucarístico por *excelência*: o domingo.

No horizonte da alma

A participação em família na Eucaristia dominical nos permite experimentar a proximidade de Deus em nossas vidas, graças à escuta da palavra de Deus, da homilia, da Comunhão e do encontro com a comunidade cristã. O cântico ou recitação da antífona mariana e também, se as nossas circunstâncias permitirem, a participação na exposição eucarística dos sábados, podem se tornar modos de preparar a nossa alma para esse momento

central da semana e para aumentar o nosso amor a Jesus sacramentado. Poderíamos dizer que ambas as práticas constituem exercícios para avivar concretamente o desejo de receber o Senhor. “Só se recuperarmos o gosto da adoração é que se renova o desejo. O desejo leva-te à adoração e a adoração renova em ti o desejo. Porque o desejo de Deus cresce apenas permanecendo diante de Deus. Porque só Jesus cura os desejos. Do quê? Cura-os da ditadura das necessidades. Com efeito, o coração adoece quando os desejos coincidem apenas com as necessidades; ao passo que Deus eleva os desejos e purifica-os; cura-os, sanando-os do egoísmo e abrindo-nos ao amor por Ele e pelos irmãos”^[10]. O culto eucarístico fora da Missa educa a alma para desejar ardenteamente a Comunhão sacramental e espiritual: a adoração tende à união. A antífona mariana faz-nos crescer no amor a Maria, cuja

missão é sempre conduzir-nos a Jesus.

Para evitar que as duas práticas, se tornem rotineiras pelo fato de repetidas semana após semana (a rotina é o “sepulcro da verdadeira piedade”)^[11], pode ser útil meditar pausadamente sobre os textos que são cantados ou se rezados todos os sábados: os hinos eucarísticos, as leituras bíblicas, as orações, ladinhas e antífonas marianas.

Neste sentido, durante o tempo de silêncio da exposição, entramos em diálogo interior com Cristo e saboreamos o que foi cantado ou lido. Não se trata apenas de uma simples pausa, mas de um recolhimento que nos permite concentrar-nos no que é verdadeiramente importante na nossa vida, para depois transmitir isso aos outros. “Quando falamos da grandeza de Deus, a nossa linguagem revela-se sempre inadequada e, deste

modo, abre-se o espaço da contemplação silenciosa. Desta contemplação nasce, em toda a sua força interior, a urgência da missão, a necessidade imperiosa de ‘anunciar o que vimos e ouvimos’, a fim de que todos estejam em comunhão com Deus (cf. 1Jo 1, 3)”^[12]. Ao mesmo tempo, a liturgia também nos convida a manter essa atitude de recolhimento em cada Missa, de maneira “que a palavra de Deus realize efetivamente nos corações o que ressoa nos ouvidos”^[13].

Despertar o desejo de receber o Senhor. Saborear as palavras dirigidas a Deus. Cada um pode ver o modo de saborear e participar com mais amor nas celebrações litúrgicas. Este esforço repetido, próprio de uma pessoa apaixonada, para fazer de cada uma delas um momento de encontro único com Jesus, pode abrir horizontes insuspeitados à nossa vida de piedade.

Deste modo, a exposição eucarística e a antífona mariana dos sábados facilitarão que o resplendor do Sol, que é Cristo, brilhe com uma claridade especial nos nossos corações na véspera do domingo, enchendo o horizonte da alma com uma aurora de amor e de esperança. Especialmente o cântico mariano, que é um conjunto de elogios carinhosos, vai aquecer a nossa alma em devoção a Maria. “É uma mulher maravilhosa – exclamava o São Josemaria numa tertúlia –, a criatura mais esplêndida que o Senhor pôde criar, cheia de perfeições. Gostar de galanteios não é uma imperfeição. Portanto, já sabes: tu e eu vamos elogiá-l’A”^[14].

^[1] São Justino, *Apologia*, n. 67, 3.

^[2] São Josemaria, *Forja*, n. 70.

^[3] A Sagrada Comunhão e Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa, n. 80.

^[4] São Josemaria, É Cristo que passa, n. 154.

^[5] cf. A. Heinz, *Der Tag, den der Herr gemacht hat. Gedanken zur Spiritualität des Sonntags*, “Theologie und Glaube” 68 (1978) 40-61.

^[6] São Josemaria, *Caminho*, n. 496.

^[7] *Ibid.* *Forja*, n. 434.

^[8] Andrés Vázquez de Prada, *O fundador do Opus Dei*, vol. I, p. 440.

^[9] cf. São Josemaria, *Forja*, n. 69; *Cristo que passa*, n. 154, entre outros textos possíveis.

^[10] Francisco, Homilia, 06/01/2022.

^[11] São Josemaria, *Caminho*, n. 551.

^[12] Bento XVI, Mensagem, 20/05/2012.

^[13] Missal Romano, Ordenação das leituras da Missa, n. 9.

^[14] São Josemaria, citado em *San Josemaría Escrivá de Balaguer a los pies de la Virgen de Guadalupe*, em SEDS, número especial, México, 02/10/1976, Ed. de Revistas S. A.

Fernando López Arias

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/a-aurora-do-dia-do-sol-a-exposicao-eucaristica-e-a-antifona-mariana/> (17/02/2026)